

...E O CARREPÃO VIRO

A reação contrária da opinião pública, que tirou o governo do negócio, e a revolta dos sócios franceses enterram, por enquanto, a fusão entre Pão de Açúcar e Carrefour

LUÍS GUILHERME BARRUCHO

Uma das mais eletrizantes batalhas recentes do mundo dos negócios, a guerra entre os sócios do Pão de Açúcar em torno da fusão com o Carrefour encerrou-se na semana passada, deixando um gosto amargo de derrota para o empresário Abílio Diniz. Em menos de dois dias, o “CarrePão” — gigante do varejo que nasceria da união entre as duas redes, tornando-se a terceira maior empresa privada brasileira — foi definitivamente sepultado. Dois movimentos quase simultâneos, na França e no Brasil,

levaram ao fim a empreitada. No primeiro, o conselho do grupo Casino, o maior acionista do Pão de Açúcar, rejeitou a fusão por unanimidade, ancorado em estudos de consultores que descreveram o negócio como “equivocado” e “contrário aos interesses dos acionistas”. À negativa dos franceses seguiu-se a retirada do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que, como alertou Luciano Coutinho, seu presidente, em entrevista a VEJA, só se interessaria pelo negócio caso houvesse pleno acordo prévio entre os sócios franceses e brasileiros. Apressou o anúncio de desistência do BNDES a decisão tomada pelo Palácio do Planalto, que se assustou com a generalizada e forte reação contrária da opinião pública ao envolvimento do banco estatal na fusão.

O malogro foi consequência de erros de cálculo estratégico e político, tanto de Diniz como do próprio BNDES. Experimentado em batalhas igualmente árduas com adversários como Samuel Klein, das Casas Bahia, ou Arthur Sendas, da rede carioca de supermercados, o empresário que transformou o Grupo Pão de Açúcar na maior potência do varejo nacional subestimou a capacidade de reação do rival, o francês Jean-Charles Naouri, dono do grupo Casino. Ao saber que Diniz estava negociando a fusão com o Carrefour, Naouri lançou mão de artilharia pesada, comprando ações do Pão de Açúcar para aumentar seu poder de mando na companhia e realizando uma ofensiva junto à opinião pública para colar no sócio a pecha de trapaceiro. Funcionou. Também foram subestimadas pelo BNDES as reações contrárias à injeção de 4 bilhões de reais de recursos públicos na transação. “O governo brasileiro não esperava receber críticas tão duras à ação do BNDES nesse negócio”, avalia o americano Ian Brem-

A SAÍDA FOI RECUAR

Abílio Diniz, do Pão de Açúcar: veterano em batalhas corporativas, ele perdeu a guerra pelo Carrefour por subestimar os rivais, seus sócios franceses do Casino

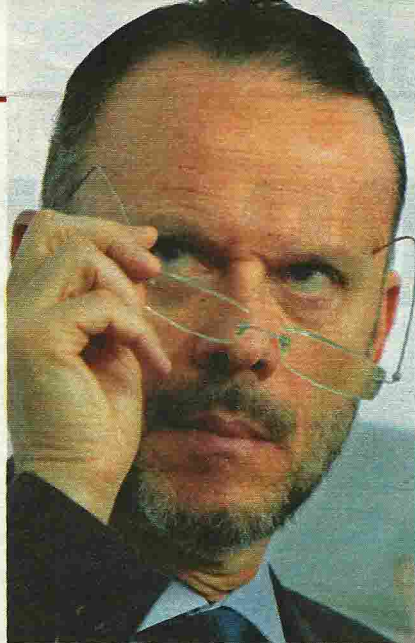


SEBASTIÃO LOPES

DU PÓ

mer, do Eurasia Group, respeitada consultoria internacional de análise de risco. O BNDES já financiara, sem maiores gritarias, fusões até mais vultosas, como a dos frigoríficos JBS e Friboi e, mais recentemente, a da Sadia com a Perdigão. Desta vez, a opinião pública agiu mais rápido e com mais vigor.

Com a saída do Grupo Pão de Açúcar da briga pelo controle do Carrefour, começa uma nova etapa na disputa pela hegemonia no varejo brasileiro, um novo balé cujos protagonistas são o Carrefour e o Walmart, respectivamente o segundo e o terceiro maiores do mercado. Em 36 anos no Brasil, a rede francesa conquistou 14,5% de participação e receitas de 29 bilhões de reais no país — 10% do faturamento mundial do grupo. Embora para os executivos do Casino não pareça vantagem adquirir o Carrefour — cujos



PATRICIA SANTOS/AE

hipermercados não se encaixariam na estratégia do Pão de Açúcar —, para o Walmart, que busca há anos crescer no Brasil, comprar a rede seria uma bela oportunidade de deslanchar suas operações. Parte dos sócios do grupo francês está insatisfeita com as constantes quedas de receita e também com o rombo de 1,2 bilhão de reais, provocado por fraudes contábeis justamente

DEPOIS DO APOIO, A RETIRADA

Luciano Coutinho, do BNDES: financiamento de 4 bilhões de reais cancelado depois da péssima repercussão

na subsidiária brasileira, e já sinalizou que pretende vender suas ações.

Essa nova conjuntura de mercado provoca arrepios nos ideólogos da teoria dos “campeões nacionais”. Argumenta-se que uma fusão entre Carrefour e Walmart, aliada ao fato de que o Casino será o maior acionista do Pão de Açúcar a partir de 2012, levaria a uma preocupante e nociva desnacionalização do varejo brasileiro. Na opinião de especialistas como o professor Jacques Gelman, do Centro de Excelência em Varejo da FGV-Eaes, quem realmente interessa, o consumidor, não tem por ora o que temer: “Não importa o país de origem do dono, e sim os preços. Em tese, quanto maior o supermercado, maior o potencial de barganha com fornecedores e maior a chance de os preços baixarem. É a isso que devemos ficar atentos”.